

Joel, um menino da Galileia



Joel, um menino da Galileia



Annie Fellows Johnston



São Paulo, SP

Copyright © 1895, Annie Fellows Johnston

Título do original: Joel, a boy of Galilee

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1ª edição, 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução de texto: *Gisele Guedes*

Preparação e revisão de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Johnston, Annie Fellows, 1863-1931

Joel, um menino da Galileia / Annie Fellows Johnston ;
[tradução Gisele Guedes]. – 1. ed. – São Paulo : Editora Gadel,
2023.

250 p.: il., 21 cm

Tradução de: Joel, a boy of Galilee

ISBN 978-65-981342-3-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil 2. Jesus Cristo - Ficção
I. Título.

23-174283

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Sumário

Capítulo 1	7
Capítulo 2	29
Capítulo 3	43
Capítulo 4	63
Capítulo 5	71
Capítulo 6	81
Capítulo 7	99
Capítulo 8	109
Capítulo 9	121
Capítulo 10	131
Capítulo 11	145
Capítulo 12	159
Capítulo 13	171
Capítulo 14	181
Capítulo 15	193
Capítulo 16	203
Capítulo 17	215
Capítulo 18	227
Capítulo 19	239





Capítulo

1

Era dia de feira em Cafarnaum. Camponeses estavam vindo das pequenas aldeias entre as colinas da Galileia, com manteiga e ovos frescos. Pescadores exibiam grandes cordões de percas e carpas brilhantes, recém-pescadas do lago ao lado da cidade. Agricultores de videiras empilhavam suas cestas com uvas apetitosas, e meninos espantavam preguiçosamente as moscas das travessas de mel silvestre que haviam ido buscar no campo antes do amanhecer.

Uma menina de dez anos abriu caminho pela movimentada praça do mercado, carregando seu irmãozinho nos braços e repreendendo outra criança que se agarrava às suas saias.

— Apresse-se, seu lesma! — Disse-lhe. — Há uma caravana de camelos parada perto da alfândega. Apresse-se se quiser vê-la!

Seus pés descalços se moveram rapidamente sobre as pedras, descendo até a areia quente à beira do lago. As crianças se aproximaram dos camelos peludos, curiosas para ver o que estes carregavam em suas enormes cargas. Mas, antes que os animais fossem obrigados a ajoelhar-se

para que os funcionários da alfândega pudessem examinar as cargas, o menino deu um grito de surpresa.

— Olhe, Jerusha! Olhe! — Ele gritou, puxando as saias da menina. — O que é isso?

Mais adiante na fila, vinham vários homens carregando macas. Em cada uma delas havia um homem gravemente ferido, a julgar pelas muitas bandagens que os envolviam.

Jerusha avançou para ouvir o que tinha acontecido. Um dos condutores estava contando a um cobrador de impostos:

— Naquele último desfiladeiro rochoso depois de deixar Samaria, fomos atacados por bandidos. Eles desceram pelos penhascos e lutaram como águias. Estes homens, que estavam indo na frente, tinham muito ouro com eles; eles perderam tudo e poderiam ter sido mortos se não tivéssemos chegado em tão grande número logo atrás. Aquele pobre rapaz ali mal consegue sobreviver, eu acho... Ele foi tão espancado.

As crianças se aproximaram um pouco mais da forma imóvel na maca. O jovem estava gravemente machucado e ensanguentado, e parecia já sem vida.

— V-vamos embora, Jerusha — sussurrou o menino, soluçando e puxando a mão da irmã. — Não gosto de olhar para ele.

Com o bebê pesado ainda em seus braços e a outra criança seguindo-a, a menina começou a voltar lentamente para a praça do mercado.

— Eu lhe digo o que faremos — exclamou. — Vamos chamar as outras crianças e brincar de bandidos. Nunca fizemos isso antes. Será muito divertido.

Houve um grito de boas-vindas quando Jerusha apareceu novamente na praça do mercado, onde um grupo de crianças estava brincando de pega-pega, sem se importar com os homens e animais contra os quais esbarravam. Todas eram mais novas do que ela e não se ressentiam pelo ar de importância da menina ao chamar:

— Venham aqui! Eu conheço um jogo melhor do que esse!

Ela contou a eles o que tinha acabado de ver e ouvir na praia e pintou uma imagem tão vívida do ataque, que as crianças estavam prontas para tudo o que ela propusesse.

— Agora vamos escolher os grupos — ela disse. — Eu serei uma rica comerciante vinda de Jerusalém com minha família e meus servos, e todos vocês podem ser bandidos. Vamos seguir com nossos bens, e vocês nos atacam quando passarmos. Vocês podem pegar o bebê como prisioneiro, se quiserem — acrescentou, com um sorriso travesso. — Estou cansada de carregá-lo.

Um menino sentado perto dali em um degrau pulou, animado.

— Deixe-me brincar também, Jerusha! — ele exclamou.

— Eu serei um dos bandidos. Eu sei exatamente os melhores lugares para me esconder!

A garota fez uma pausa por um instante na escolha para seu grupo e disse com impaciência, embora não quisesse ser desagradável:

— Oh, não, Joel! Não queremos você. Você é muito manco para correr. Não pode brincar conosco!

O olhar brilhante e ansioso desapareceu do rosto do menino, e uma luz de raiva surgiu em seus olhos. Ele pressionou os lábios com força e sentou-se novamente no degrau. Enquanto as crianças corriam para longe, era possível ouvir o som de muitos pés descalços. Suas vozes soaram cada vez mais fracas, até que desapareceram completamente no barulho da movimentada rua.

Normalmente, Joel encontrava muitas coisas para se divertir e se interessar ali. Ele gostava de observar os burros sonolentos com suas cargas de frutas frescas e vegetais; gostava de ouvir os homens anunciando suas mercadorias ou conversando sobre os negócios com seus clientes. Sempre havia algo novo para ser visto nas barracas e nos quiosques. Sempre havia algo novo para ser ouvido nos fragmentos de conversa que chegavam até ele enquanto estava sentado.

Por aquela rua, às vezes passavam longas caravanas, pois ela era “a estrada para o mar”, a rota que levava do Egito à Síria. Rostos estranhos e morenos às vezes passavam por ali; príncipes mercadores ricamente vestidos com suas preciosas mercadorias vindas do outro lado do rio Nilo; pesadas cargas de tapetes babilônicos; pérolas do Ceilão e